

## A Língua Portuguesa e os desafios do mercado de trabalho

Quero agradecer o convite que me foi formulado pela Senhora Diretora da Agência Nacional proalv, Dr.<sup>a</sup> Maria do Céu Crespo, e cumprimentar todos os presentes.

Vários estudos patrocinados pela Comissão Europeia sobre o multilinguismo e o mercado de trabalho nas suas diversas vertentes, culturais, comerciais ou comunicações de exportação são unânimes quer sobre a necessidade do conhecimento das línguas e das culturas da União Europeia, quer sobre a necessidade da aprendizagem de línguas extraeuropeias. Seja porque o conhecimento alargado de mais do que duas línguas para além da materna e do inglês, favorece a consciência e a cidadania europeia – e cada vez mais se torna, eu diria, imperativo, uma consciência e saber ser Europeu – mas favorece também um conhecimento acrescido dos europeus outros que não nós e que partilham o espaço da União. Ser Europeu a 6 com quatro línguas, não é o mesmo que ser europeu numa União a 28 com 24 línguas oficiais – e estou a deixar fora desta menção todas as outras línguas nacionais, regionais e outras que todos os dias se ouvem nas casas e nas ruas Europeias. Esta diversidade de línguas e culturas constitui senão a maior, uma das maiores riquezas da União e dos seus cidadãos. Referi propositadamente o termo riqueza porque um dos projetos a que me referi atrás designava-se precisamente [Language Rich Europe \(LRE\)](#) e os seus resultados são elucidativos quer quanto à variedade, quer quanto ao seu uso, quer ainda

quanto à necessidade de uma política europeia e dos Estados Membros de promover o ensino das línguas.

Outros estudos como o SELECT, o REFLECT, o PROTOCOL 1 E 2, o INTERCOMM, o [ECLAT](#) ou ELAN, referem a necessidade preparar as empresas, sobretudo as pequenas e médias empresas, para os mercados externos, mas igualmente para a diversidade do mercado interno da União, o ELAN é muito claro ao referir que 45% dos negócios são perdidos por questões linguísticas ou culturais. Em todos eles a língua portuguesa surge como uma das línguas a aprender. Quer isto dizer que se estas empresas tivessem tido consciência destas necessidades, ou tivessem tido ao seu dispor um mecanismo que identificasse estas necessidades, poderiam ter valorizado nos seus quadros, trabalhadores qualificados nesta área, o que muito provavelmente teria melhorado os seus negócios. A British Chambers of Commerce tem um mecanismo destes ao dispor das PME britânicas e os resultados parecem confirmar a minha suposição. Mas estes são projetos ainda de 1998, 2000, 2002, 2005 ou 2008.

A língua portuguesa é parte da riqueza linguística da Europa, parte do universo multilinguístico europeu e, nesse sentido, é parceiro do necessário fortalecimento da cidadania europeia.

As línguas são hoje, reconhecidamente, um fator de valorização económica para os seus falantes nativos ou estrangeiros, e, nesse sentido, ganham uma natural dimensão no que respeita às qualificações diferenciadoras que favorecem a empregabilidade dos trabalhadores.

O livro “Potencial económico da língua portuguesa” saído em 2012 e que apresenta os resultados de um estudo levado a cabo pelo ISCTE e patrocinado pelo então Instituto Camões, apresenta dados que merecem atenção e que aqui me limito a reproduzir apenas os indicadores de um quadro sobre expectativas de uso da Língua Portuguesa no futuro por parte de alunos dos leitorados do Camões, IP.

Quadro 6.9 – Usos atuais e expectativas de uso futuro da língua portuguesa, segundo a região (%)

	Trabalhar (%)		Viajar (%)		Comunicar (%)	
	Atual	Futuro	Atual	Futuro	Atual	Futuro
Europa Ocidental	9,5	62,9	56,9	84,9	42,4	73,1
Europa de Leste	11,5	75,0	46,7	66,1	41,7	71,4
África	19,3	63,6	45,2	73,5	45,9	57,6
Ásia	17,5	50,0	20,0	53,8	46,3	65,8
América do Norte	42,9	62,2	67,4	83,8	48,8	75,7
América Latina	20,0	61,3	28,2	77,3	49,4	56,0
CPLP	73,1	*	52,8	*	92,4	*
Total	37,8	63,1	50,8	78,8	63,3	68,0

Em 2002, um aluno recém-licenciado em Língua Portuguesa saído da Universidade de Hankuk ou da Universidade de Busan, na República da Coreia, tinha emprego garantido, empregabilidade de 100%.

Na República Popular da China, em 2002, havia 3 Universidades Chinesas que lecionavam português, a Universidade de Estudos Estrangeiros de

Pequim e a Universidade de Estudos Estrangeiros de Xangai com licenciaturas, e a Universidade de Jinan, em Cantão que oferecia uma unidade curricular de língua portuguesa. Hoje são 27, 22 das quais oferecem licenciaturas e pelo menos uma oferece um mestrado. Então, as entradas para estes cursos faziam-se de 2 em 2 anos, agora são anuais, outras línguas estão a percorrer o caminho inverso, passaram a ter alunos no primeiro ano, de 2 em 2 anos.

A RPC pretende nos próximos anos formar 5 mil professores. Um dos problemas que as universidades enfrentam para aumentar o número dos seus professores é a concorrência das empresas que recrutam os melhores alunos finalistas.

Em qualquer país, a definição da provisão de línguas no sistema de ensino é uma decisão com implicações de médio e longo prazo. Ela deve ter a capacidade de prever que línguas vão ser relevantes para a economia do país, das economias com quem o país pretende ter relações comerciais e económicas que sejam úteis ao seu modelo de desenvolvimento, para que as empresas tenham ao seu dispor trabalhadores que respondam às necessidades linguísticas dos mercados. É uma decisão estratégica com implicações futuras nas qualificações linguísticas e culturais das gerações mais jovens. Tal como no ensino superior, a escolha das línguas estrangeiras no sistema de ensino básico e secundário não pode estar desligada do mercado de trabalho.

É por isso uma decisão com consequências, no modelo curricular, na formação de professores, com impacto em todo o sistema de ensino, incluindo a vertente profissionalizante e transversal a todo os percursos

curriculares, sejam eles as humanidades ou as ciências, as engenharias ou as literaturas.

A Namíbia, país membro da Commonwealth, decidiu introduzir a língua portuguesa no seu sistema de ensino não superior. Começou com uma experiência piloto em 5 escolas, que rapidamente cresceram para 8, hoje já dobraram este número e o crescimento depende apenas do tempo de formação dos professores locais. Em Espanha, o Governo da região autónoma da Extremadura considera a língua portuguesa “uma prioridade absoluta” e assumiu o seu ensino nas escolas do ensino básico. Na Galiza está em análise uma proposta de lei autonómica no mesmo sentido. Em Portugal a língua espanhola tem igualmente crescido em número de alunos marcando uma reciprocidade que releva em ambos os casos da importância crescente que as duas línguas têm vindo a evidenciar no mercado de trabalho.

Este ano letivo o [Norwegian National Centre for Foreign Languages in Education](#), propôs às escolas secundárias norueguesas a criação do curso de língua portuguesa e ainda de outra língua. Uma escola em Arendar respondeu ao desafio de integrar a língua portuguesa no seu currículo, contratou uma professora qualificada, de acordo com os critérios exigidos pelo Centro que fez, aliás, da língua portuguesa, a língua de referência nas comemorações do Dia Europeu das Línguas.

Questionarão certamente a relevância de uma escola num lugar à beira-mar chamado Arendar, a duzentos e muitos quilómetros de Oslo. Talvez se eu disser que a cidade está ligada à indústria petrolífera e que as associações empresariais estiveram presentes na cerimónia que marcou o

início do curso, se comece a entender este isolado início como mais significativo. Se acrescentar que o Norwegian National Centre for Foreign Languages in Education, tomou uma decisão pouco comum, lançou nova proposta às escolas para ensinar a língua portuguesa, esta curiosidade torna-se mais interessante.

Na recente publicação pelo British Council, do estudo “[Languages for the Future](#)”, Jonh Worne, Diretor de Estratégia daquele Instituto afirma no seu prefácio: “The analysis of economic and cultural indicators in this report suggests not that people in the UK are learning the wrong languages, but that we need far more people learning a much wider range of languages in the future. French, Spanish and German will continue to be important but we will also need significantly more Arabic, Mandarin Chinese and Portuguese speakers as well as speakers of Italian, Japanese, Russian and Turkish”. Na verdade, esta afirmação poderia aplicar-se à realidade de outros países.

Neste estudo, a língua portuguesa surge como a sexta língua mais importante para o Reino Unido, o que não deixa de estar em linha com a posição da língua portuguesa entre as línguas mais faladas no globo. O estudo reconhece o papel e o estatuto da língua portuguesa nas organizações internacionais regionais em que é língua oficial e de trabalho, a relevância na economia global com o crescimento dos países que falam a língua portuguesa como o Brasil e uma das línguas dos designados BRICS. Em todas as análises de necessidades representadas nos quadros que este estudo apresenta, o português surge como língua necessária com projeções a 2020, a crescer.

Eu desconheço que o Governo Chinês tenha feito um estudo semelhante, mas a sua aposta nas línguas estrangeiras, nas línguas da União Europeia e na língua portuguesa em particular, desde há pelo menos 10 anos, deve fazer os europeus refletir.

A ideia estereotipada e entranhada nos decisores europeus que a língua portuguesa é uma língua menos falada, ou que é uma língua de imigração, tem condicionado a visão europeia sobre uma língua que continuará a crescer internamente à CPLP nos próximos 50 anos, está a crescer em número de falantes como língua estrangeira, é a língua mais falada do hemisfério sul, é a língua de países com importantíssimas reservas de recursos naturais determinantes quer para a economia global, quer para o seu próprio crescimento e desenvolvimento económico.

O Brasil será dentro de menos de uma década o maior produtor mundial de petróleo, Angola e Moçambique, em particular este último país, tem enormes reservas de gás natural e as maiores reservas de carvão. A China criou em [Macau um Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a china e os países de Língua Portuguesa \(Macau\)](#), para tirar partido da sua ligação à língua portuguesa e assim mostrar que tem uma estratégia para a CPLP, não apenas no plano bilateral mas no seu conjunto.

Do outro lado do Atlântico a língua portuguesa também tem crescido quer nas universidades quer nas escolas secundárias. No Mercosul, a Argentina fez da língua portuguesa a 1.ª língua estrangeira em muitas regiões do país.

O número de falantes de português como língua estrangeira tem crescido e continuará a crescer em todos os continentes. Ao contrário do que possa

parecer, este conjunto de países sem ligação territorial contígua que mais parecem ilhas (sendo a insularidade a condição geográfica de 3 destes países) de língua portuguesa rodeadas de países de língua oficial inglesa, francesa e espanhola, longe de estarem isolados, constituem uma rede pluricontinental a que deram um nome vinculado pela Língua comum, CPLP. A sua descontinuidade territorial permite-lhes a presença em múltiplos *fora* internacionais, exercendo a sua influência partilhada por objetivos comuns, nos vários palcos da vida política e económica das nações. A dispersão é aqui não um fator de isolamento mas de força no contexto global.

Falei acima da Namíbia mas poderia referir o Senegal com os seus mais de 30 mil alunos de português no seu sistema escolar alimentado por professores locais, muitos formados na [Faculdade de Letras](#) Universidade Cheik Anta Diop, de Dakar.

A atração por uma língua em crescimento como o português manifesta-se em todos os continentes. A Europa arrisca-se a ser a última a acordar para o espaço económico da língua portuguesa. Numa economia imergente como parece ser a europeia, pela lentidão em encontrar respostas que alterem o paradigma das relações do pós-guerra, parece haver uma incapacidade de olhar para a emergência de uma das línguas da globalização falada em países cujas perspetivas económicas e sociais de desenvolvimento serão, a concretizar-se o seu potencial, incontornáveis nas próximas décadas.

A União Europeia tem a vantagem de incluir na sua riqueza e diversidade linguística, as línguas que melhor representam o carácter multilingue da globalização, o inglês, o espanhol, o português e o francês, são as suas

línguas de comunicação com, pelo menos mais de mil milhões de falantes, se tomarmos em consideração uma contagem conservadora do número de falantes destas 4 línguas, em todos os continentes. A Europa pode falar e negociar diretamente usando estas 4 línguas com pelo menos 158 países do mundo e não parece fazer disso uma das suas opções estratégicas em termos de política externa quer económica quer cultural. Neste sentido, a Europa arrisca-se a chegar mais uma vez atrasada a um encontro crucial com o futuro.

#### **Bibigrafia:**

British Council (2013), [Languages for the Future](#)

Filipe, Mário (2005), [Promoção da língua portuguesa no mundo : hipótese de modelo estratégico](#), Universidade Aberta, Repositório Aberto.

Reto, Luís (org.) *et al*, 2012, *O potencial económico da língua portuguesa*, Leya, Lisboa.

Salomão, Ricardo (2006) [Línguas e culturas nas comunicações de exportação: para uma política de línguas estrangeiras ao serviço da internacionalização da economia portuguesa](#), Universidade Aberta, Repositório Aberto.

#### **Webografia:**

As ligações que surgem no texto foram consultadas a 29 de novembro de 2013.